



LEONARDO DE VINCI

## SUMMARIO

*Leonardo de Vinci.* — *Noções de Economia Domestica*, D. Maria José da Silva Canuto. — *Uma historia verdadeira*, D. Maria Amalia Vaz de Carvalho. — *Jardinagem. Citronella maior* — *Artemisia abrotanum e Alfazema—Lavandula spica.* — *O amanhecer (A Julio Maria Baptista)*, (poesia) Luiz Francisco da Silva. — *Os enfeites de plumas.* — *Guardanapos.* — *As mulheres que votam.* (Fragmentos). — *A Amizade, (improviso)* (poesia), D. Maria Rita C. Cadet. — *Botanica, tratamento das plantas doentes por meio da agua quente.* — *Chronica feminina.* — *Chronica dos theatros.* — *Album Enigmatico.*

GRAVURAS: — *Leonardo de Vinci.* — *Guardanapos.*

NA CAPA: — *Conselhos e receitas.*

## LEONARDO DE VINCI

N'esse periodo brilhante da renascença italiana, provocada pela descoberta das obras primas da antiguidade, apparece-nos no primeiro plano o vulto assom-

broso de Leonardo de Vinci, um dos maiores artistas d'aquelle tempo e uma das glorias mais completas e mais grandiosas da Italia.

Pintor, esculptor, musico, poeta, architecto Leonardo de Vinci abraça a um tempo todos os ramos do saber humano e a sua individualidade poderosa ainda pôde accentuar-se no campo da força e da destreza, revelando-se-nos como mestre d'armas, nadador, gymnasta! E' um typo completo, perfeito, para o qual a natureza foi prodiga de dons, reunindo n'esse colosso de genio as mais raras manifestações de uma organização de artista, e as mais variadas aptidões de um temperamento forte, ao mesmo passo que delicado e extremamente sensivel.

Leonardo de Vinci tem numerosos trabalhos scientificos e o seu nome está indelevelmente ligado á phisica, á astronomia, á physiologia e á botanica, sendo grande a divida que a posteridade tem para com a sua memoria no campo utilitario, puramente pratico.

O espaço de que dispomos, e a indole d'esta revista modesta e despretenciosa não nos permite dar conta, embora summariamente, d'esses multiplos trabalhos, e da influencia que exerceram na evolução geral das sciencias; nem estas linhas representam a vaidosa aspiração de traçar uma biographia do homem que hoje é considerado como o primeiro pintor da renascença. O vulto é tão grande e a obra de Leonardo de Vinci tão complexa e variada, que só um espirito superior, avigorado por uma solida instrucção e armado de um fino criterio, pôde delinear com firmeza a biographia d'esse homem genial, que bastaria para dar nome a uma época, se aquellã em que viveu não fosse a mais brilhante e extraordinaria da historia da humanidade.

Os principaes quadros de Leonardo de Vinci são: a *Ceia*, a *Virgem sobre os joelhos de Santa Anna*, *S. João Baptista*, a *Jocunda*, *Baccho*, a *Virgem da rocha* e a *Adoração dos Magos*.

Quantos porém não estarão perdidos ou desprezados e esquecidos por falta de competencia e de gosto dos seus actuaes possuidores?

Nos quadros do grande pintor italiano transparece a erudição do artista e nota-se em todos elles um estudo completo, uma observação minuciosa da natureza e da influencia das paixões humanas sobre o individuo. As cabeças pintadas por Leonardo exprimem a verdade e reproduzem exactamente o typo humano em todas as suas manifestações multiplas do sentir e do pensar. As suas telas teem a vida, o movimento que só os grandes artistas geniaes sabem reproduzir á força de verdade e da comprehensão lucida da natureza e é esse grande poder que dá aos quadros de Leonardo de Vinci o seu alto valor e o seu merecimento incontestavel.

## NOÇÕES DE ECONOMIA DOMESTICA

### XXVI

O espargo corta-se quando apenas tem alguns centímetros de altura; se o deixam crescer muito, não é bom para cosinhar; serve para condimento ou em sallada. O espargo e a alcachofra vieram da Arabia.

As plantas de que se come a bage são: a fava, a ervilha, o feijão e as lentilhas; em botanica dão-lhes o nome de leguminosas. Sabeis que se cosinham todos estes legumes verdes ou seccos. De todos o mais saudavel e nutriente é a fava.

Em alguns pontos da Europa misturam no pão caseiro farinha de fava e de ervilha. Em Portugal não me consta que haja esse uso.

São muitas as especies de feijão; cosinham-se no caldo; fazem-se de molho, temperam-se no prato, como sallada, etc. A cultura da ervilha foi desconhecida na Europa até ao seculo XVI. As lentilhas são originarias da Asia: foi por um prato d'este legume, saborosamente adubado, que o *bom* Esaú vendeu os seus direitos de senhor do casal! Que simplicidade invejavel a d'aquelles tempos! Hoje, um prato de lentilhas apenas valeria, quando muito, um vintem!

As plantas de que se come a raiz, são: o rábano, a cenoura, a botarraba, a escorcioneira, o nabo etc. Chamam-lhes em botanica: *raizes perpendiculares ou fusiformes*.

Estas plantas encerram muitas partes sacharinas; sabeis quaes são os seus usos, tanto das que se cozem

como das que se guardam em conservas, como das que se empregam em sallada; sabeis que é preciso privar-as da epiderme e lavar-as muito bem.

O que talvez nem todos saibam, é que se faz um delicioso doce de tomate: ha mais de seis annos foi servido este doce em um dos recolhimentos da capital, em meza de cerimonia, e recebeu merecidos gabos de um personagem commensal.

Que me perdoem as illustrações agricolas, se estas pobres linhas lhes forem ás mãos. Escrevo despretenciosamente; sou como aquelle, a quem diz o rei sabio: — *Lança o teu pão sobre as aguas que passam; porque depois de muitos tempos o acharás*. Ecclesiastes, cap. XI v. 1.<sup>o</sup>

### Plantas tuberculosas — Batatas

A raiz d'esta planta é originaria do Perú; não está bem definida a época em que foi trazida para a Europa: julga-se que foi Walter Raleigh quem a trouxe da Virginia em 1581. Em 1714 a 1720 começaram a cultivar a ao sul da Allemanha; e em Berne, em 1730: chegou a França no reinado de Luiz XIV; e parece que houve ali grande opposição á introdução da batata nos generos alimenticios. Effectivamente esta raiz é pouco nutritiva; reduzida a farinha e diluida em caldos, convém ás creanças e ás pessoas debéis.

O excessivo augmento d'esta cultura nos Estados-Unidos, produziu ali doenças epidemicas em 1843; e á Irlanda, cuja população se alimentava quasi exclusivamente de batatas, trouxe a fome em 1845!

E contudo hoje não ha mesa rica nem pobre, onde não appareça a batata, cosinhada por mil modos, associada ao caldo simples, ao peixe, aos guizados, aos doces, a tudo; é a companheira inseparavel de todos os pratos; e até de alguns vicios! Faz-se d'ella aguardente; e da epiderme torrada e moída, faz-se tabaco!

MARIA JOSÉ DA SILVA CANUTO.

## UMA HISTORIA VERDADEIRA

### PRIMEIRA PARTE

Era uma physionomia incaracteristica, apagada, tris-tissima.

Não se podia dizer a idade que tinha, nem mesmo se tinha idade.

Tanto podia ter trinta ou quarenta como setenta annos.

Curvado pela idade ou pelos desgostos? encanecido porque os annos tinham corrido por sobre a cabeça d'elle, ou porque lhe tinham pesado duplamente sobre os hombros debéis?

Quem o podia dizer.

Era uma organização acanhada e rachitica, podia mesmo chamar-se incompleta.

Para elle com certeza que a adolescencia não fivera as suas madrugadas azues tão gorgeadas e tão festivas, nem a virilidade tivera a fanfarrá estridente dos seus clarins, a florescencia escarlate dos seus rosas voluptuosos.

Tinha sempre vivido debaixo de uma estranha pressão dolorosa.

Dependêra de todos primeiro porque era fraco e inerte, depois porque fôra pobre dependente, sem

aquella aspera dignidade que os atritos da vida tornam mais rude e que é a armadura moral que salvaguarda o homem nos duros combates sociaes.

Nasceu n'uma casa opulenta que lhe não pertencia, cresceu no meio de um luxo de que seus paes eram parasitas voluntarios e de que elle era... parasita inconsciente.

Começára por ter medo de tudo e de todos; um medo que não raciocinava, que não sabia, que não indagava mesmo a sua propria origem.

Nasceu assustadiço, como certos animaes silvestres, e toda a vida conservou a mesma expressão inquieta e medrosa de lebre perseguida.

Em primeiro lugar tinha medo de seu pae; um homem alto, espadaúdo, plethorico, de voz grossa e modos brutaes, que comia como um abbafe, que bebia como um *lansquenete*, que praguejava como um carreiro, e que se vingava nos poucos entes que tinha debaixo do seu dominio, das complacencias servis que era obrigado a mostrar aos que o mantinham n'aquella farta ociosidade de commensal que só gosa e não paga.

Depois tinha medo de sua tia; a dona da casa, a *senhora*, a suzerana ante a qual todos se curvavam submissos.

E no entretanto ella era bonita, delgada, flexivel, muito branca.

Uma figura ideal de pintor inglez.

Mas que culpa tinha elle o pequenino pária, se os olhos d'essa graciosa e delicada senhora lhe pareciam frios e metallicos, com umas scintillações azuladas como as do aço fino? se as suas mãos esguias e brancas se lhe afiguravam duas tenazes que podiam apertal-o, apertal-o, até o torcerem todo, até o esphacelarem e fazerem d'elle, do seu pequeno corpo tão fraquinho, uma grotesca massa informe, que o mundo inteiro pisasse, onde o mundo inteiro cuspiisse!...

Seria allucinação d'aquelle cerebro enfermo e condemnado ás scismas doentias?

Quem sabe?

O caso é que a isentára, e que nunca podera esquivar-se a essa preocupação intensa e dilacerante!

Um d'estes dois entes que dominaram de estranho terror a sua infancia, maltratava-o nas explosões brutaes do seu temperamento de touro bravo.

O outro... a senhora... muito altiva, muito fria, muito desdenhosa, nem sequer lhe fallava.

Olhava-o ás vezes como se olha para um animal repugnante, para um sapo, ou para uma carocha, e passava adiante imperturbavel e olympica.

Havia, porém, um outro ser dos que mais em contacto estavam com elle, que nem o maltratava, nem o desprezava com a glacial frieza do seu desdenho.

E contudo era d'esse que elle tinha ainda mais medo.

Era seu tio, uma figura original, uma physionomia de titan que por um engano qualquer da natureza não poudo conseguir passar de anão.

Seu tio!... Como esta individualidade extraordinariamente accentuada, como este rosto ironico, irregular, convulsionado, dominou para sempre o destino obscuro da infeliz creança, que eu conheci já velho!

Seu tio não o perseguia nem lhe manifestava uma repugnancia muda, pelo contrario.

Chamava-o continuamente para o pé de si, ensinava-lhe, quando estava só, palavras, esgares, visagens grotescas que lhe fazia repetir diante de gente, n'um côro de gargalhadas asperas e hostis como gumes de espadas!

Vestia-o de um modo desusado e extravagante, vestia-o de marujo, de escossez, com as suas pequenas pernas magras, trigueiras, escanneladas n'uma nudez friorenta que lhe doía, e o fazia tiritar; vestia-o de tyrolez, o que lhe dava um aspecto comico, que arrebetava com riso a criadagem.

As vezes nos seus dias de melhor humor sabia com elle, que tinha apenas sete annos de idade, de casaca, chapéu alto, e berloques na cadeia do relógio.

Tinha tempos em que não podia passar sem a sua companhia, a creança era a unica distração do anão!

As caricias d'esse homem singular, de olhar faisicante, de cabelladura revolta e electrica, de voz sonora e rica de inflexões estranhas, doíam, porém, ao pequeno muito mais do que os desprezos ou os maus tratos dos outros.

Ao pé d'esses sentia-se perseguido, ao pé d'aquelle sentia-se humilhado.

Um dia o marquez, o tio do pequeno Thadeu era marquez, achou comico mandar introduzir a creança no cofre acharoadado que havia junto ao fogão do gabinete de trabalho destinado a guardar a lenha ou o carvão que se consumia.

De minuto em minuto abria-se a tampa e sabia a cara vermelha e congestionada do pequeno, uma cara de animal assustado, o que divertia extraordinariamente as visitas.

Outra vez n'uma ceia alegre em que havia rios de *champagne* e risadas crystallinas de mulheres, Thadeu com um fato de meia preta a cobril-o todo e dois castiças nas pequenas mãos, servia de centro agachado n'uma posição grotesca no meio da mesa.

Sahiú d'ali com uma febre que o teve um mez entre a morte e a vida, delirante, sem conhecer ninguem, com a mãe debulhada em lagrimas á cabeceira.

Mas Thadeu não gostava de sua mãe.

As lobas defendem os seus filhos, a mãe de Thadeu não o sabia defender!

Entregava-o ás coleras descompostas do pae, aos desprezos gellidos da tia, aos caprichos monstruosamente comicos do marquez, ás apupadas brutaes das aias e dos lacaios, aos risos das visitas, ao pasmo desprezador das outras creanças que iam áquella casa opulenta e ruidosa acompanhadas por seus paes, vestidas de velludo com plumas nos seus lindos chapéus, o ar grave de meninos bem creados, e que não tinham licença de brincar com aquelle pequeno histrião, feio, ridiculo, doente, com gestos de epileptico, com fatos de palhaço e com soluços de martyr.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

## JARDINAGEM

Citronella maior — *Artemisia abrotanum*

E' uma planta da familia das compostas e oriunda da Europa meridional. Arbusto de 0,<sup>m</sup>7 a 1,<sup>m</sup> com folhas recortadas em lobulos lineares, separados e muito finos; flores com capitulos amarellados, ovoides, dispostas ao longo dos ramos superiores em pequenos cachos, terminaes. Requer terra solta, substancial e profunda, uma boa surriba e exposição abrigada. Cultiva-se nos jardins pelo cheiro penetrante á camphora ou limão, que exhalam as suas folhas.

Tambem se póde cultivar este arbusto em cercaduras no sitio mais bem exposto da horta, e empregam-se as suas folhas agradavelmente cheirosas como condimento nas preparações culinarias. Multiplicam-se com a maior facilidade de ramos lascados, que rebentam em abundancia da base do pé.

Ha diversas variedades.

*Artemisia absinthium* — *Absintho*. Tem hastes lenhosas na base; folhas sedosas, esbranquiçadas, tripennatisecadas, com recortes obtusos, flores de capitulos globulosos, dobrados, dispostos em panicula. E' vivaz.

*Artemisia argentea* — *Artemisa prateada*. E' da ilha da Madeira. Tem as folhas pennatifidas, sedosas e prateadas. Requer para a cultura a terra como a citronella maior, e a mesma exposição; e a multiplicação faz-se por meio de estacas.

As artemisias tem um cheiro forte e aromatico. Muitas das suas pequenas especies alpinas recebem na Suissa o nome commum de *Génipi*; suas propriedades são semelhantes ás do absintho.

O *estragão* ou *serpentina menor* (*Artemisia dracunculus*) é uma variedade da citronella e cultiva-se do mesmo modo.

#### Alfazema — *Lavandula spica*

E' um sub-arbusto multicaule. Tem as folhas lineares com o bordo enrolado para baixo; flores azuladas em verticillos dispostas em espigas interrompidas; bractees ovas, agudas.

E' muito conhecido em Portugal principalmente nas provincias meridionaes. As serventias principaes das hortas e de muitos jardins são ornamentadas com esta planta.

A flor da alfazema tem ainda hoje um elevado preço: as flores frescas servem para compôr alguns medicamentos: a *agua vulneraria*, e *vinagre de quatro valores*, etc.

Encerra tambem um oleo essencial muito usado em perfumaria: é este oleo que evaporando-se á superficie das petalas das flores, produz o cheiro forte que deita a alfazema e que afugenta os insectos, e por isso é a flor mettida nas gavetas como perservativo quasi sempre efficaz, contra a traça.

Esta planta não quer solo muito humido. Multiplica-se de estaca. Todos os ramos que durante algum tempo tocarem no chão são proprios para espetar na terra onde devem ficar, ou em viveiro.

### O AMANHECER

(A JULIO MARIA BAPTISTA)

Levanta-se do leito azul e transparente  
O calice do dia — a perfumada aurora  
Que de rubor intenso os horisontes cora,  
Como casta donzella a escutar o ente  
Que lhe falla d'amor enquanto a brisa chora  
Por entre o roseiral uma canção dolente.

Suspiros d'harmonia ondulam pelos ninhos  
Uns mundos inda flôr formados de folhagem  
Onde brincam sorrindo os meigos passarinhos  
Enquanto a Natureza os veste de plumagem  
Com a ternura que ha n'um coração de mãe,  
Que arrisca a sua vida em prol dos seus filhinhos.

A rosa assefinada e a virginal cecem  
Chorando docemente orvalho crystallino  
Dão osculos d'olor nas mariposas bellas  
Que lhe fazem a côrte; enquanto que as estrellas  
Mergulham no poente o brilho diamantino.  
Pouco depois o sol alegre e rutilante  
Começa a derramar scentelhas d'ouro fino  
Que se vão engastar na terra verdejante  
Dando vida e calor a tudo quanto existe.

N'esse instante o meu ser a isto não resiste  
E vendo que vae longo o seu ideal lyrismo  
Abraça de repente o grande prossaimo,  
Olvida a meiga aurora, o azulino cêo  
E de novo s'entrega aos braços de Morpheu.

1-11-83.

LUIZ FRANCISCO DA SILVA.

### OS ENFEITES DE PLUMAS

As plumas de abstruz, que constituem actualmente uma parte muito importante do penteado das senhoras, tem precedentes bastante curiosos.

Desde tempos immemoriaes que as pennas do abestruz tem um grande valor na *coquetterie* feminina.

No seculo XVI os genevezes faziam já com os portos d'Argel, Bône, Bougie e Tunis um commercio muito consideravel d'este producto que se tornou de uso geral em todas as grandes cidades da Europa.

O emprego das pennas de abestruz não se limita á *toilette* das mulheres. Torna-se um objecto de luxo e indicativo de distincção na côrte franceza. Desde o tempo de Carlos V até o de Henrique IV, o monarcha e os grandes do reino ornavam de pennas os capacetes e os castellos.

No meiado do seculo passado a penna de abestruz parece ter perdido um pouco do seu valor; apenas se mantem na aristocracia, mas pelos fins do mesmo seculo readquire a antiga voga e chega ao appogeo no regresso da expedição do Egypto.

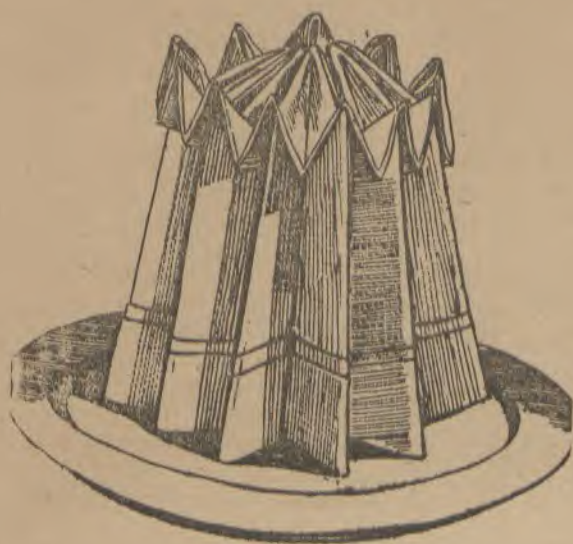
Os heroes das Pyramides, do Monte-Thabor e de Héliopolis voltam a França trazendo collecções valiosas de pennas de abestruz, das mais raras. Fazem com ellas presentes ás mulheres; elles proprios se adornam com pennas brancas e as damas da alta sociedade introduzem-nas como parte integrante nos seus penteados, ostentando por esta fórma o seu mau gosto.

Os altos funcionarios do estado associam-se a este luxo desmarcado: Talleyrand, Fouché, Moulin, Gohier, Barras, Bonaparte, Moreau e um grande numero de membros do parlamento apresentam-se em publico, nas Tulherias, nos *boulevards* e no Tivoli-Boutin com os chapéus enfeitados de plumas brancas.

Ha meio seculo proximamente que a moda das pennas de abstruz enfraquecera um pouco, mas a nova forma dos enfeites da cabeça e dos chapéus de senhora impôz novos adornos, e as pennas de abestruz vieram disputal-os ás variadas especies de aves que as modistas empregavam.

Em Paris é muito consideravel o commercio das pennas. Este producto vem principalmente da Africa e da Arabia. As pennas de Alepo, provenientes do alto Egypto, de Darfour e de Sennaar são as mais procuradas pela finura sedosa das suas barbas.

De resto o valor d'este producto é muito variavel segundo o comprimento, côr e finura da contextura,



N.º 1—GUARDANAPO DOBRADO EM CORÔA



N.º 2—DETALHE DO DESENHO N.º 1



N.º 3—DETALHE DO DESENHO N.º 1



N.º 4—DETALHE DO DESENHO N.º 1

dependendo principalmente do local d'onde são importadas.

O abestruz habita quasi que exclusivamente na Africa: as pennas vem portanto para a Europa de todos os pontos do continente africano.

### As pequenas coisas do ménage

Os guardanapos dobrados em corôa, com a lórma representada no nosso desenho n.º 1, são especialmente empregados em almoços, para centro de meza, e servem ordinariamente para cobrir ovos quentes, *omelettes*, etc. Devem ser de linho, calandrados e bem engommados para que as dobras fiquem perfeitamente vincadas e o resultado seja completo e satisfatorio.

Primeiramente dobra-se o guardanapo ou a toalha em quatro partes eguaes no sentido do comprimento. Depois dobra-se ainda mais uma vez no mesmo sentido e obtem-se por consequencia oito dobras; a uma altura approximada de 5 e 8 centimetros, fazem-se duas dobras e o restante comprimento é tambem dobrado em partes perfeitamente eguaes, como se acha representado no desenho n.º 2.

Em seguida dobram-se em triangulo as duas pontas extremas do guardanapo (*a*) e procede-se semelhantemente para com todas as pregas ou dobras (*d*), obtendo as figuras reproduzidas pelos desenhos n.º 3 e 4. Afim de ficar perfeito o trabalho submete-se o guardanapo a uma forte pressão e por ultimo reúnem-se no centro as duas extremidades, que se pregam com um alfinete.

## AS MULHERES QUE VOTAM

(FRAGMENTOS)

(Continuação)

Mas nem todas as mulheres abandonadas pelo seu amante, trahidas pelo seu marido, victimas da ingratição ou do egoismo do homem, pódem ou querem manejar o rewolver ou o vitriolo; é então que certas mulheres a quem esses meios repugnam, expõem em manifestos desastrados e ridiculos conclusões irrealisaveis. Querem declarar ás leis a guerra que o homem lhes faz nos costumes; desejam provar que pódem ser moral e intellectualmente suas eguaes e mesmo suas superiores.

Cançadas de verem o homem apoderar-se lhes impunemente da honra, da liberdade, e do amor, quorem tomar-lhe ao menos as suas occupações e os seus lugares, surprehendendo-se que lhe respondam com o silencio ou com uma gargalhada. Todos sabem, e ellas mesmo não o ignoram, que lhes não é dado nem precisam desempenhar as occupações dos homens. O seu mister de mulheres é-lhes sufficiente, sómente quorem desempenhal-o completamente e então dizem aos homens: — « Ou dae-nos o que a natureza tem dito que nos deem, o amor, o respeito, a protecção, a familia regular ou concedei-nos o que tendes guardado só para vós, — a liberdade.»

Será justo o dilemma?

Tudo no mundo moral como no mundo physico se encadeia, e a prova é que temos visto a revendencia politica da mulher produzir-se parallelamente ás diver-

sas reivindicações moraes. E vemos agora que essas idéas politicas dispersas, informes principiam a encarnar-se n'uma pessoa humana e veem publica e resolutamente pôr opposição e fazer resistencia á lei. N'uma palavra, uma mulher, Hubertine Auclert recusa pagar os impostos, baseando-se no principio de que, se as mulheres não são admittidas a votal-os, não devem tambem pagal-os; que desde o momento em que ás mulheres se impõem como aos homens os encargos de contribuições monetarias para o estado aquellas devem ter, como estes, os mesmos direitos; e pede finalmente para que as mulheres tenham o direito de votar, visto que, como os homens, teem o encargo de pagar.

Riram-se muito d'esta idéa e um official publico veiu tomar todos os trastes e objectos pertencentes a Hubertine Auclert para com elles se pagar o que a pobre mulher devia ao estado. Pagou é verdade, mas protestando sempre e levantando um auto d'este abuso do poder. Riram-se ainda mais.

Passou-se uma nova lei porque o terreno não estava sufficientemente preparado para esta lucta legal. Quando encontra um adversario bem resolutu e bem armado sobre um terreno bem escolhido, a lei bate em retirada, este adversario foi pois Hubertine Auclert.

Esta mulher fez contra os impostos o que M. Bradlangh fez contra o juramento bíblico, não teve porém bom exito porque lhe faltava o sexo, o lugar proprio e a guarda avançada indispensavel áquelle genero de declaração de guerra; era mulher, foi batida.

E' certo que o imposto é tudo o que ha de mais impopular; sómente possui do seu lado um argumento que está fóra de toda a discussão: é que nenhuma sociedade pôde funcionar sem elle. E' pois necessario pagal-o.

Hubertine Auclert não se recusava a isso, sómente queria saber porque se lhe fazia uma tal exigencia; queria tomar parte nos direitos dos cidadãos que lhe impunham contribuições; n'uma palavra, queria ser igual aos homens que, se pagam um imposto, teem o direito de o votar ou combater directamente ou por delegação. Consentia em dar o seu dinheiro, mas queria tambem dar a sua opinião. Reclamava os seus direitos politicos não como a auctora da proclamação, que deseja ser juiz, jurado elegivel etc.; esta pedia, unicamente, para ser eleitora.

Pois bem, porque se não concede, não só a ella, mas a todas as mulheres essa permissão? Que inconveniente ha n'isso? Que razões peremptorias se pôdem oppôr a esta reivindicação?

Hubertine Auclert disse: — «Não devo pagar o imposto porque o não voto.» Esta é uma das razões mas não é, todavia, a melhor. Os orphãos menores, sendo proprietarios, pagam tambem os impostos sem os votarem. Hubertine Auclert disse: «Não devo pagar as contribuições do estado, como os homens, porque a sociedade que me reclama essas contribuições, não me fornece como a elles os meios de ganhar a vida.» Esta seria uma boa razão, todavia não é ainda a melhor de todas. A melhor de todas as razões é que não ha razão alguma para que as mulheres não votem.

(Continua).

O homem honesto não tem a fraqueza de temer os seus semelhantes nem o orgulho de os desprezar nem a desgraça de os odiar.

## A AMIZADE

### IMPROVISO

A amizade é flor celeste  
que, lá da etherea campina,  
veiu em hora peregrina  
entre nós desabrochar,  
sentimento delicioso  
de sublime e doce encanto,  
é tudo o que ha de mais santo,  
que mais prazer pôde dar.

Quando a noss'alma opprimida,  
pelas ancias da amargura,  
sente o peso da tortura  
esmagal a co'o soffrer,  
é no seio da amizade  
que, seu alivio buscando,  
vae as maguas olvidando,  
e acha forças p'ra viver.

A amizade é flor mimosa  
que tem perfume suavissimo,  
é dom immenso e purissimo  
que dimana lá dos ceus;  
quando junto de um amigo  
as penas desabafamos  
é então quando encontramos  
que a amizade vem de Deus!

MARIA RITTA C. CADET.

## BOTANICA

### Tratamento das plantas doentes, por meio da agua quente

Muitas pessoas acharão estranha esta fórma de tratar as plantas; todavia nada é mais natural e efficaz, segundo M. Villermoz, que affirma ter completamente restaurado por este meio as plantas creadas em vasos.

A receita é simples, consiste apenas em immergir em agua quente as plantas doentes, depois de lhes ter remechado algum tanto a terra, sem todavia lhe tirar as raizes.

A agua que sahir pelo fundo do vaso é primeiramente clara, depois ligeiramente turva e terá produzido uma reacção acida, porque é ás substancias acidas existentes na terra que M. Villermoz attribue o estado doentio da planta; a agua tem pois por fim eliminar uma parte d'essas substancias.

Este tratamento continuado durante um certo tempo, traz novo vigor e crescimento á planta.

Não sabemos se o tratamento pôde applicar-se egualmente ás plantas que vivem em plena terra.

## CHRONICA FEMININA

**A corôa de Inglaterra.**—A corôa que usa a rainha de Inglaterra quando abre o parlamento, foi feita por dois ourives. E' composta de circulos de prata cobertos de pedras preciosas, com a cruz de Malta em diamantes na parte superior. No centro da mesma parte superior, por cima do circulo, está uma outra

cruz de Malta, no centro da qual se vê o rubim em bruto que ornou n'outro tempo o gorro do príncipe Negro.

O fundo da corôa é em veludo côr de violeta.

O circulo inferior é incrustado de brilhantes e encimado de flores de liz e da cruz de Malta em brilhantes.

Eis o valor das diversas partes d'esta corôa: os vinte diamantes do circulo temporal valem, (cada um 1:500 libras), libras 30:000; os dois grossos diamantes centraes (2:000 libras cada um), 4:000 libras; os cincoenta e quatro diamantes collocados nos primeiros angulos, 1:000 libras; as quatro cruces, composta cada uma de vinte cinco diamantes, 12:000 libras; os quatro grossos diamantes que terminam as cruces (cada um 10:000 libras), 40:000 libras; os doze que estão nas flores de liz, 10:000 libras; os dezoito pequenos para ornamentação das flores, 2:000 libras; os outros diamantes, perolas, etc. 13:800 libras, formando um total de 112:000 libras, isto é, réis 504:000\$000.

A corôa de Inglaterra que Jorge III mandou fazer, pesava unhas 455 grammas, porém a de hoje é muito mais leve graças á habilidade dos ourives.

**Escriptoras francezas.** — Ha em França 2:127 escriptoras; mais de 1:200 escrevem romances, 200 compõem obras para instrucção da mocidade e perto de 300 cultivam a poesia. As restantes escrevem um pouco de tudo.

## CHRONICA DOS THEATROS

**D. Maria.** — *MARTHA*, comedia em 4 actos de Georges Ohnet. — *A FLOR DOS TRIGAES* e *O LIVRO AZUL*, comedias em um acto.

Realisou-se no sabbado ultimo, n'este theatro, o beneficio da intelligente e apreciada actriz Carolina Falco.

O publico que assistia a esta festa teve mais uma occasião de prestar homenagem aos merecimentos artisticos de tão notavel actriz, saudando-a phreneticamente no começo do 1.º acto da *Martha* e repetindo em todos os finais os seus sinceros applausos a que Falco tem jus, porque é bem reconhecido o seu talento.

A *Martha* que, n'esta noite, se representou pela primeira vez é, em lugar d'uma comedia, como se diz, um drama que está muito abaixo do merecimento dos actuaes artistas do theatro de D. Maria.

Georges Ohnet, o festejado auctor do *Maitre de forges* que, ainda ha dias applaudimos n'esta mesma scena, baseou o seu drama n'um assumpto impossivel, presentemente, e que espirito algum pôde admittir como verdadeiro.

Na *Martha* não ha nem a vida real nem a fina comedia.

O enredo é simples e inadmissivel, sendo repisado nos quatro actos de que o drama se compõe.

Dizemos inadmissivel porque não se imagina que uma mulher deixe, embora contra as opiniões mundanas, o homem que ama para o entregar a uma enteada afim de que casem; assim como não se admittê que uma qualquer joven vá desposar um homem que sabe ser o escolhido d'aquella que lhe faz as vezes de mãe.

N'outros tempos, tolerava-se, mas actualmente em que nos acostumámos ao realismo, não podemos ver nem imaginar o enredo que o auctor francez collocou no seu drama. Até ao 4.º acto, vá, mas n'este o fim devia ser diverso, embora Georges Ohnet tivesse que fazer uma mortandade geral.

Pondo de parte o original, o desempenho foi bem como aquelles artistas tinham obrigação de fazer, visto que n'outras peças de maior responsabilidade se tem sabido collocar no seu verdadeiro logar.

Não fazemos excepções porque as não encontramos e todos concorreram para o bom *ensemble* da *Martha*.

A *flor dos trigaes*, baseada n'um assumpto bem conhecido, é contudo um *lever de rideau* replet de versos mimosos que conservam a platêa em expectativa. Esta pequena comedia é original do nosso collega Augusto Lacerda, que n'ella fez a sua estreia dramatica.

O desempenho que coube a Rosa Damasceno, Mello e Joaquim d'Almeida é muito regular.

Terminou o spectaculo com a comedia em um acto de Labiche, *O livro azul*, traducção de Augusto de Mello. A comedia é muito engraçada, como todas d'aquelle escriptor, e dá occasião a que Antonio Pedro, Silva Pereira, Mello, Emilia dos Anjos e Amelia da Silveira, conservem o publico em constante hilaridade.

**Gymnasio.** — SULLIVAN. — **ULTIMOS MOMENTOS DE CHRISTOVAM COLOMBO.** — FR. LUIZ DE SOUSA. — **UM CREDITOR DEL ESTADO.**

O beneficio do oximio actor Ernesto Rossi verificou-se na sexta-feira da semana passada, representando-se o drama em 3 actos *Sullivan*.

N'esta peça teve Rossi mais uma occasião para mostrar os seus bastantes recursos artisticos, principalmente no 2.º acto, na scena da embriaguez, que foi desempenhada pelo distincto actor com a correcção que sempre lhe notámos. As transições porque passa Sullivan são admiraveis, visto que ao mesmo tempo que se quer mostrar o homem de sala, a palavra empregada obriga-o a mostrar-se inconveniente e a apresentar-se embriagado em frente não só d'aquella que ama, como tambem dos convidados presentes a quem insulta para melhor provar o grau de alcoolismo a que chegou.

N'este drama vimos, pela primeira vez, um bom conjuncto da companhia italiana que nem em todas as peças se tem apresentado equal. Todos os actores appareceram bem caracterisados no 1.º acto, e com uns typos de bom effeito comico.

No final de 2.º acto do *Sullivan*, sendo Rossi chamado repetidas vezes, pediu silencio á platêa e dirigiu depois algumas palavras agradaveis ao publico, aos artistas de S. Carlos e á imprensa, o que fez com que os applausos se renovassem e se repetissem as chamadas.

Nos *Ultimos momentos de Christovam Colombo*, monologo em verso, fez Ernesto Rossi uma nova creação e recitou muito bem, stygmatisando o monarcha hespanhol que não apreciou devidamente os merecimentos d'aquelle celebre descobridor genovez.

No domingo representou-se pela primeira vez o drama do celebre escriptor portuguez visconde de Almeida Garrett, *Fr. Luiz de Souza*.

Rossi encarregando-se do difficultoso personagem de D. Manuel de Souza Coutinho, soube dar-lhe todo o relevo que o auctor lhe imprimiu, tendo scenas magnificas como no primeiro acto em que largando fogo á

casa diz que a *illumina para melhor receber o governador de Lisboa*, no terceiro na occasião de professar e que a filha lhe apparece, e assiste á morte da desventurada creança, etc.

A sr.<sup>a</sup> Brignone no papel de Magdalena, a sr.<sup>a</sup> Belli Blanes no de Maria, o sr. Cassini no de Telmo etc., deram um bom *ensemble*, sendo todos muito applaudidos e havendo no final do drama cerca de quinze chamadas a estes artistas e a Rossi.

O sr. Brizzi no papel de peregrino (D. João de Portugal) não foi feliz, perdendo algumas scenas, como a do 3.<sup>o</sup> acto com Telmo que é uma das mais importantes da obra de Garrett.

A comedia *Um creditor del Estado* é bonita mas... em italiano, porque é d'uma liberdade... que só n'aquella lingua se pôde ouvir para não ferir os ouvidos, aliás muito susceptiveis do nosso publico. O desempenho foi regular por parte de todos os artistas.

**Collseu.**—Os tres trapesios volantes.—O trapesio em miniatura.

N'uma das ultimas noites estrejou-se no arriscado trabalho dos tres trapesios o distincto artista Richard Conrad, merecendo os grandes applausos de que foi alvo porque os exercicios dependem de grande agili- dade e firmeza nos saltos.

N'este trabalho foi conjuvado por seu irmão, que muito concorreu para o bom exito que obteve tão eximio artista, admiravel já como *clown* acrobata e que agora se apresentou em tão arriscadissimos exercicios.

A pequena gymnastica miss Victoria foi muito applaudida no trapesio em miniatura, trabalho já visto por adultos, mas que a gauciosa creança desempenha com muita limpeza, attendendo se á sua pouca idade.

Mr. James Jones apresentou ante hontem um intermedio de baila, imitação de um comboio em marcha; a novidade é de pouca importancia, visto que é conhecida; entretanto o publico applaudiu-o porque é desempenhado com muita correcção.

Miss Katarinodar na percha torniquete continúa a agradar e a ser muito victoriada.

\*  
\* \*

O sr. Campos Valdez, cavalheiro muito entendedor na direcção do nosso theatro lyrico, foi o unico con- corrente á adjudicação do theatro de S. Carlos.

A sua proposta é das melhores que se tem visto nos ultimos annos, pelo que é de esperar que aquelle thea- tro entre agora n'um periodo mais florescente.

O sr. Valdez obrigou-se a apresentar n'um dos in- tervallos da época lyrica, uma companhia da alta ope- ra comica de Paris.

\*  
\* \*

Parece que actor Ernesto Rossi dará uma recita extraordinaria em beneficio do actor Santos.

\*  
\* \*

Realisa-se amanhã no theatro do Gymnasio o bene- ficio da actriz Beatriz Rente. Representam-se as co- medias em 4 actos, *Um marido experiente* e em 1 acto *A espada de meu avô*.

\*  
\* \*

Deve representar-se amanhã, pela primeira vez, no theatro dos Recreios a revista do anno de Argus *Pim! Pam! Pum!*

Quasi todo o scenario é novo e pintado pelos sceno- grapho Eduardo Machado, Pereira Junior e Valdez & C.<sup>a</sup>

*Vederemo e dopo parlatremo.*

Py-Thon.

—o—

O povo que fôr brioso e incessantemente occupado é isento de vicios.

## ALBUM ENIGMATICO

### PROVERBIO ENIGMATICO

PARA OS ASSIGNANTES DE LISBOA

Eira—Ma—Brio—Ora—Ira—Mora—Ria—Ova  
—Ama—Ia—Az—Irto—Gaz—Osso—Laia—Ella—  
Ente—Ira—Egua—Dito—Asa—Va.

Acrescentar a cada uma d'estas palavras uma ini- cial, de modo que fiquem formando outros vocabulos e formar com as letras que se acrescentaram um pro- verbio portuguez.

ETERNO ASSIGNANTE.

—o—

### ENIGMA GEOGRAPHICO

PARA OS ASSIGNANTES DA PROVINCIA

Villa	Villa	Villa
	Villa	
	Cidade	
	Villa	
	Cidade	

Achar os nomes de quatro villas e duas cidades por- tugezas, que collocadas na ordem indiçada, se leia nas suas iniciaes o nome d'uma villa, e o nome de ou- tra villa nas suas finaes.

M.

—o—

Explicação das composições enigmaticas do numero anterior: *Chaves.—Pomar.*

Coube o premio em Lisboa á ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Marga- rida N. Pioho e na provincia ao ex.<sup>mo</sup> sr. Alfredo Barros, de Coimbra.

Vieram em segundo logar decifrações das ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> D. Carolina Costa, D. Olympia Paes do Amaral, D. Amelia de Castro e Sousa e D. Joanna de Sampaió Costa e dos ex.<sup>mos</sup> srs. Arthur Alegre Cosmelli, A. C. de Freitas, Soares Victor e Marcos Adriano da Silva Bentes.